

IDENTIDADE RELIGIOSA EM GOIÁS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA FESTA EM DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DA PENHA, GUARINOS/GO

RELIGIOUS IDENTITY IN GOIÁS: EXPERIMENTS REPORT ABOUT THE NOSSA SENHORA DA PENHA DEVOTION PARTY, GUARINOS/GO

Hamilton Matos Cardoso Júnior

<hjuniorgo@hotmail.com>

Graduado em Geografia e Mestrando em Ciências Sociais e Humanidades
Programa de Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER)
Universidade Estadual de Goiás (UEG). Goiás, Brasil
Bolsista em Nível de Mestrado Capes
<http://lattes.cnpq.br/3905771225620560>

Priscilla Fabiane de Brito

<priscillabrito_prisbrito@hotmail.com>

Graduada em Geografia e Mestranda em Ciências Sociais e Humanidades
Programa de Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER)
Universidade Estadual de Goiás (UEG). Goiás, Brasil
Bolsista em Nível de Mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás (FAPEG)
<http://lattes.cnpq.br/7689614005422240>

RESUMO

As cidades goianas surgiram, durante o período colonial, sob a presença da atividade aurífera e forte influência da religiosidade. O município de Guarinos não é exceção. Sua história está inteiramente ligada à presença de ouro e à devoção a Nossa Senhora da Penha. Este trabalho tem como objetivo realizar um relato de experiência da Romaria a Nossa Senhora da Penha realizada anualmente no município de Guarinos, Estado de Goiás, realizando um resgate histórico dessa romaria relacionando-a ao processo de formação do território goiano. Já são mais de 150 anos de procissão e peregrinação de milhares de fiéis do norte do Estado e de outras regiões durante os últimos dias de junho e primeiros de julho rumo à romaria em devoção à santa. Nesse sentido, buscar-se-á por meio da vivência da festa identificar os elementos presentes nos dias de devoção que mantém viva essa tradição na região norte de Goiás. Para isso, utilizaram-se como passos metodológicos a pesquisa bibliográfica em autores regionais e nacionais que tratam da temática; bem como a realização de trabalho de campo por meio do qual estivemos presentes na romaria realizando um dos percursos de peregrinação até Guarinos e realizamos entrevistas aos romeiros. Destacamos que a festa em devoção a Nossa Senhora da Penha, que ocorre, geralmente, em dez dias, congrega relações entre o profano e o sagrado.

Durante a festa, todos os cantos da pequena cidade, as estradas e as rodovias que dão acesso ao município são tomados por expressões culturais ligadas à cultura sertaneja e a religiosidade.

PALAVRAS-CHAVE: Guarinos; Nossa Senhora da Penha; Peregrinação.

ABSTRACT

The first towns of the State of Goiás started to emerge in the colonial times, during gold mining activities and under a strong religious influence. This is not an exception for Guarinos, a town whose history is entirely involved with gold exploration and the devotion to Nossa Senhora da Penha (Our Lady of Penha). This work aims to make an experience report about the pilgrimage of Nossa Senhora da Penha held annually in Guarinos, State of Goiás, in a way of making a historical rescue of this pilgrimage, relating it to the process of formation of the region of Goiás. It's been more than 150 years of processions and pilgrimages of thousands of faithful from the North of the State and other regions, during the last days of June and the first ones of July. In this sense, it will be sought through the experience of the party to identify the elements present in the days of devotion that keeps this tradition alive in the northern region of Goiás. For this, methodological steps have been used to bibliographical research in regional and national authors which deal with the theme, most of them

interviewed during the pilgrimage. The Nossa Senhora da Penha devotion party lasts for about ten days, and it brings a relationship between profane and sacred. During the party, every single corner of the small town, the roads and the highways that give access to the local, are taken by crowds and, altogether, by their cultural

expressions linked to the hinterland culture and religiosity.

KEYWORDS: Guarinos; Nossa Senhora da Penha; Pilgrimage.



INTRODUÇÃO:

A romaria em devoção a Nossa Senhora da Penha é uma das inúmeras festas religiosas presentes no calendário católico do estado de Goiás e uma das mais importantes do norte do estado. Assim como em Muquém (distrito do município de Niquelândia), a festa de Guarinos atrai milhares de fiéis e peregrinos durante seus dez dias de devoção à santa.

Com características sertanejas, a festa constitui-se em uma das maiores procissões sertanejas do Brasil, sendo ponto de encontro, em sua maioria, de trabalhadores rurais de diversas regiões do norte de Goiás. Além de espaço de devoção à santa, a romaria em Guarinos atrai comerciantes de roupas, calçados e alimentos providos de municípios próximos e, principalmente, de Goiânia. No decorrer de nossa pesquisa para produção deste relato de experiência, percebermos que há uma dificuldade em encontrar documentos e produções científicas com relação à romaria, sejam esses documentos históricos ou recentes.

Este relato de experiência tem como objetivo descrever e relatar o cotidiano da festa em devoção a Nossa Senhora da Penha no município de Guarinos. Do mesmo modo, procurar-se-á um resgate histórico da romaria e do município, bem como relacionar a formação do território goiano com a presença da religião católica. Para o alcance dos objetivos aqui propostos, procedemos a alguns passos metodológicos, dentre eles: pesquisa bibliográfica (técnica e teórica), elaboração e aplicação de instrumentos de pesquisa (entrevistas) e realização de trabalho de campo no município de Guarinos no decorrer da romaria do ano de 2013. Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de conhecer e analisar essa festa, pouco estudada pela historiografia goiana, de importância para a devoção religiosa na região. Desse modo, busca-se contribuir para o conhecimento científico a respeito dessa romaria.

Este relato de experiência divide-se em três partes: a primeira busca realizar uma breve discussão da presença da religiosidade no processo de formação do território e das cidades goianas no período colonial. A segunda parte busca um resgate histórico da cidade de Guarinos e da romaria em devoção a Nossa Senhora da Penha. E por último, a terceira parte procura caracterizar o espaço da festa, o religioso e o profano, além de suas expressões religiosas e culturais presentes durante a romaria.

O PAPEL DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO GOIANO

Segundo Moraes (2002) o território é resultado de um processo lento, histórico e plurisecular. Nesse sentido, o processo de formação do território é dinâmico e não estático. É resultado de diversas transformações (incorporações, fragmentações, demarcações, nomeações, etc.) históricas. Quanto ao território goiano, Gomes, Neto e Barbosa (2004) nos ressaltam que esse foi constituído sobre antigos territórios de povos e tribos indígenas. A institucionalização territorial de Goiás se dá no período colonial, como resultado da atividade aurífera.

Para compreender a dinâmica de um dado território é necessário envolver o conjunto de relações que se estabelecem em sua realidade, recorrendo-se tanto à perspectiva material quanto imaterial das ações estabelecidas pelos sujeitos de determinada territorialidade, como nos exemplifica Saquet (2009).

Historicamente a colonização brasileira caracterizou-se pela forte presença da Igreja Católica. A Coroa Portuguesa, sob a benção de Roma, lançou-se pelos mares e conquistou diversas terras ultramarinas. Consagrado como potência colonial, Portugal, já dono e soberano das terras descobertas na América, inicia sua colonização levando e impondo o simbolismo católico.

A cruz torna-se símbolo da tomada de posse. À medida que vilas iam sendo criadas na colônia, a cruz figurava como símbolo de poder sobre o território. A cada fundação, conquista, a cruz era fincada e uma missa era rezada. Podemos perceber claramente essa relação da coroa com a religiosidade na carta de Pero Vaz de Caminha:

Hoje é sexta feira, primeiro de maio, pela manhã, saímos em terra com nossa bandeira; e fomos desembarcar acima do rio, com o sul onde nos pareceu que seria melhor arvorar a cruz, para melhor ser vista. E ali marcou o capitão o sítio onde haviam de fazer a cova para fincar. E enquanto a iam abrindo, ele com todos nós outros fomos pela cruz, rio abaixo onde ela estava. E com os religiosos e

sacerdotes que cantavam, à frente, fomos trazendo-a dali, a modo de procissão. Eram já ai quantidade deles, uns setenta ou oitenta; e quando nos assim viram chegar, alguns se formam meter debaixo dela, ajudar-nos. (CAMINHA, 1500, p. 13)

Esta pequena passagem do relato do descobrimento do Brasil nos dá a ciência da importância da representação religiosa para nossos “amigos” lusitanos. A cruz e a Igreja como representação da religiosidade da metrópole acompanhou todo o povoamento do litoral brasileiro e também adentrou na interiorização do sertão da colônia através das bandeiras de exploração. À medida que os primeiros povoados e vilas da região de Minas Gerais iam sendo fundadas, a construção da igreja era uma das primeiras atitudes que alicerçavam o povoamento.

Assim como em Minas Gerais, o território goiano já possuía excursões de bandeiras desde o século XVI. Ao final do século XVII as terras goianas já eram suficientemente conhecidas. Como nos traz Palacin (1994), a primeira bandeira a adentrar as terras goianas data de 1590 e durou três anos. Posteriormente, diversas outras expedições adentraram o território vindas principalmente de São Paulo e algumas de Belém.

Em 21 de outubro de 1725, depois de três anos e três meses de viagem, a bandeira denominada de Anhanguera retorna a São Paulo com a notícia do descobrimento das tão procuradas minas em Goiás. Nasce o novo eldorado da colônia e uma nova e febril migração origina-se em direção ao interior.

A cada vila, arraial que ia sendo fundada, a presença religiosa era um dos principais elementos. No território goiano, assim como em toda colônia, como já dito acima, a cruz, a capela e a igreja eram a representação da tomada de posse, em nome da coroa e da Igreja. Vieira D’Abadia (2014) nos evidencia claramente esse processo:

Em cada local onde se instalava a atividade mineradora, em território goiano, também se construía uma capela. Embora houvesse uma efemeridade nas construções dos povoados e dos arraiais, porque eram diretamente vinculados à produção e descoberta do ouro, as capelas eram construídas e, em alguns casos esses povoados prosperavam. (VIEIRA D’ABADIA, 2014, p. 74-75)

Palacin (1994) e Fonseca Silva (1949) nos mostram que a presença da Igreja Católica influenciava a constituição dos espaços e da paisagem goiana, sendo elemento presente na organização da vida social dos pequenos aglomerados urbanos. À medida que os arraiais iam sendo fundados outros aspectos religiosos podiam ser observados, caracterizando ainda mais a presença da religião na expansão territorial da colônia, e de Goiás.

Como exemplo, temos a instituição de santos para cada arraial e vila criada. Listemos¹ as vilas e os santos instituídos para cada um dos primeiros núcleos criados em Goiás: criação da freguesia da Sé de Goiás pela invocação de Sant'Ana (1726-1736); Meia Ponte pela invocação de Nossa Senhora do Rosário (1736); Santa Cruz dedicada a Nossa Senhora da Conceição (1737); Jaraguá sob a invocação de São José (1740), e definitivamente sob invocação de Nossa Senhora da Penha (1757); Corumbá dedicada a Nossa Senhora da Penha de França (1747). Sob alvará régio são elevadas as capelas de Santa Rita das Antas, Nossa Senhora da Conceição de Crixás, Nossa Senhora do Pilar; Nossa Senhora da Conceição de Traíras, à condição de freguesias.

A partir do exposto podemos perceber que se tem a formação de um território religioso católico em Goiás. A afirmação de que a paisagem goiana também era religiosa, nos preceitos católicos, também não é pretenciosa, já que os símbolos religiosos vinham configurando e impregnando as áreas urbanas e rurais. Além do território, um espaço religioso também havia sido conformado.

Nesse sentido, podemos concluir que a formação do território goiano foi resultado da interiorização organizada pela Coroa Portuguesa e concretizada pela busca por ouro e pela captura de índios pelas bandeiras paulistas. Como nos elucida Boaventura (2012) esse processo foi marcado por intensos embates sanguinários entres os colonizadores portugueses e as tribos indígenas tanto no sul quanto no norte. O encontro dessas nações distintas ocorreu em um clima de elevada brutalidade e não corresponderam às diretrizes estabelecidas pela legislação metropolitana de ocupação, “[...] que, diga de passagem, estava permeada de ambiguidades [...]” (BOAVENTURA, 2012, p. 194).

Além do mais, a formação do território goiano representa a sobreposição de culturas e costumes, tendo em vista a imposição das tradições dos colonizadores aos índios, principalmente dos preceitos do catolicismo. É essa essência religiosa que ferreamente se incorpora no espaço, no território e na paisagem goiana.

HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE GUARINOS E DA ROMARIA EM DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DA PENHA

¹ Dados trabalhados por Maria Idelma Vieira D'Abadia, 2014, p. 76.

Já na segunda metade da década de 1730 são descobertas, perdida em meio a mata virgem, as minas auríferas de Crixás, “outras minas de tão grande rendimento que mereciam igualmente uma taxaço especial, oitava e meia mais alta no imposto de taxaço” (PALACIN, 1994, p. 26). Dessa forma, inicialmente o atual território do município de Guarinos passa a incorporar as minas da região de Crixás.

No entanto, por volta de 1736 são descobertas as minas de Pilar de Goiás que resultará na criação do arraial de Pilar em 1741, tornando-se o pequeno núcleo aurífero de Guarinos uma extensão de Pilar, fato que ainda pode ser constatado nos dias atuais, com relação à Igreja Católica, pois a sede do Reitor do Santuário localiza-se na cidade de Pilar de Goiás.

O primeiro a se instalar na região de Guarinos foi João Batista Calhamares, em 1729, que chega a região com o único objetivo de explorar os inúmeros depósitos de ouro encontrados na forma de aluvião. Leva consigo uma leva de escravos negros como mão de obra para a extração do metal, mesmo sabendo que as características físicas da região constituía-se propícias para a formação de quilombolas devido a presença de escarpas e ao denso e virgem cerrado².

No início o povoado contava com aproximadamente 3.000 escravos. No entanto, já na segunda metade do século XVIII, com o declínio do febril período do ouro, Guarinos se reduziu a apenas uma família com 28 pessoas que viviam em cinco humildes casas (SILVA, 2012). É com a decadência econômica e, conseqüente, abandono populacional, que se iniciam os relatos históricos que dão base à romaria a Nossa Senhora da Penha e é graças à festa em devoção a santa que o povoado, hoje município, de Guarinos mantém-se ativo.

No processo de fortalecimento das festas em devoção aos santos em Goiás, assim como no Brasil, podemos destacar as irmandades como importantes associações que tiveram importante papel no fortalecimento dos costumes católicos. Segundo Moraes (2008) as irmandades são associações de cunho religioso que possuem como objetivos a realização de ações assistencialistas, bem como devocionais.

Como nos aponta Moraes (2014), uma de suas ocupações era realizar celebrações destinadas a seu padroeiro(a). As devoções eram realizadas por meio de “festas” que agrupavam

² Amparados pela imensidão do território, os escravos do Brasil Central no período do apogeu do ciclo do ouro, fugiam para locais bem distantes, onde não poderiam ser encontrados facilmente, entre relevos movimentados com rios cercados pela vegetação típica do cerrado, sendo a região norte de Goiás excelente para o refúgio. Os remanescentes desses fugitivos são denominado de Calungas ou, como alguns preferem, Kalungas.

cerimônias religiosas que ocorriam no dia do santo. Essas cerimônias, a depender dos recursos financeiros da irmandade, podiam se iniciar alguns dias antes e se estender alguns dias depois do dia do santo. As festas destinadas aos santos nos dias de hoje seguem essa roupagem, entretanto incorporaram novos aspectos como a realização de cerimônias grandiosas, bem como sua organização passou para ao comando, em sua maioria, das paróquias municipais.

Moraes (2014) ainda nos aponta o importante papel desempenhado pelas irmandades para a formação, fixação e evangelização da população no território goiano. De acordo com a autora essas associações eram facilmente estabelecidas, principalmente nos territórios mais longínquos da colônia (Brasil Central). Suas atividades iniciavam antes mesmo da formalização das estruturas administrativas e religiosas. Nesse sentido, eram importantes frentes de expansão e ocupação do território da metrópole.

De acordo com a autora, as estruturas oficiais da Igreja podiam demorar até mesmo décadas para se instalar nos núcleos urbanos que se formavam no entorno das minas de extração de ouro. Portanto, quando a estrutura oficial da Igreja se instalava, essa se deparava com atividades religiosas já organizadas o que, não raramente, resultava em intensas disputas.

A história da santa padroeira, Nossa Senhora da Penha, em Guarinos, tem ligação com os escravos na região e, é claro, como já evidenciado, com a presença da atividade aurífera. À medida que os escravos rebelavam-se contra o trabalho forçado nas minas de extração aurífera, aproveitavam as escarpas da serra que contorna a cidade para se refugiarem formando uma espécie de quilombo. Em uma gruta que fica no topo dessa serra um escravo chamado Gorino encontra a imagem de Nossa Senhora da Penha. É daí que surge o nome da cidade de Guarinos, que é um cognome do escravo Gorino.

Com o achado da santa, os moradores da região tratam logo de erguerem um templo para abrigá-la. É construída a Igreja de Nossa Senhora da Penha. Daí em diante, a imagem passou a ser venerada tanto pelos escravos quanto pelos homens livres que passaram a peregrinar de outras regiões em direção a Guarinos para adorá-la. Além do mais, a gruta onde houveram de encontrar a imagem passou a ser visitada para orações e agradecimentos.

Silva (2012) ressalta que a devoção nasce de um ato não institucionalizado que posteriormente foi incorporada ao calendário litúrgico da Igreja Católica. Com o aumento do fluxo de devotos, torna-se necessário mecanismos institucionais para garantir a devoção dos fiéis e a

festança. Continuadamente, a imagem atraía mais e mais fiéis interessados em venerá-la, fazer agradecimentos e pedir bênçãos. No entanto, também atraiu pessoas interessadas em roubá-la, já que é comum que as antigas imagens de santos sejam banhadas a ouro. Em meados do início do século XX a imagem é roubada, sendo substituída por uma réplica que permanece no tempo católico de Guarinos.

O município de Guarinos situa-se na microrregião de Ceres, mesorregião centro goiano. Sua sede fica encravada na Serra de Santo Antônio, às margens do Rio Muquém. Afastado de grandes centros, cerca de 270 Km de Goiânia, 230 km de Anápolis e 340 km de Brasília, o município possui uma economia branda com um PIB de 18 milhões de reais (IBGE, 2011) que baseia-se principalmente na pecuária leiteira.

Sua população é de 2.306 habitantes de acordo com o censo IBGE 2010, sendo 1.131 habitantes vivendo em área urbana, aproximadamente 49% da população. Dão acesso ao município as rodovias GO-336, que o liga a Itapaci, e a GO-439, que o liga ao município de Pilar de Goiás e de Crixás. No entanto, apenas o trecho da GO-439 entre Pilar de Goiás e Guarinos, compreendendo 18 km, está em fase de construção do asfalto, encontrando-se os outros trechos em leito natural. A história desse município está intrinsecamente ligada à história de sua padroeira, Nossa Senhora da Penha, e ao ciclo aurífero. Segundo relatos, a região passou a ser ocupada por volta da primeira metade do século XVIII devido aos depósitos de ouro descobertos na região.

A FESTA E AS REPRESENTAÇÕES NA ROMARIA EM DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DA PENHA

Assim como em outras festas religiosas em Goiás, é comum a peregrinação a pé como forma de agradecer a pedidos realizados a santa. Os pontos de início mais comuns são: Pilar de Goiás, com um trajeto de 18 km, e Santa Terezinha de Goiás, com um trajeto de 42 km. Entretanto, romeiros de vários gentílicos realizam a caminhada rumo a Guarinos nos dias de romaria, partindo desses ou de outros pontos durante os dias de louvor. Várias comitivas de cavaleiros de cidades vizinhas também realizam o trajeto de seus municípios até a romaria em louvor a santa.

Para a construção deste relato de experiência, foi realizado um trabalho de campo na romaria do ano de 2013 que ocorreu entre os dias de 28 de junho e 07 de julho, durante o qual foi

percorrido o trajeto de 42 km de Santa Terezinha de Goiás a Guarinos. A peregrinação iniciou da cidade de Santa Terezinha de Goiás no dia 07 de julho.

Eram 5:30 horas de uma madrugada gelada quando nos reunimos com um grupo de romeiros ao pé do Monte da Igrejinha, pequeno rancho católico, distante 5 km da área urbana da cidade. A caminhada iniciou-se antes mesmo do sol nascer, já que a região norte de Goiás constitui-se por clima seco e quente durante os meses de abril a outubro, podendo chegar, durante o dia, a 35° C.

À medida que os primeiros quilômetros foram percorridos, pequenas fazendas que se situavam à margem da estrada municipal, que se encontrava em seu leito natural, iam surgindo. Nessas pequenas fazendas os agricultores, como percebemos, retiram seu sustento da atividade leiteira e muitos deles já estavam com suas vacas dentro dos currais para ordenhá-las.

Passamos sob a ponte de um pequeno córrego afluente do Rio Crixás Açu, importante rio da região. O dia foi amanhecendo à medida que os primeiros raios de sol brilhavam no céu a leste, e rapidamente a luz das lanternas iam dando lugar à luz do sol. À medida que clareava o cerrado e as pastagens maltratados pela seca e pela poeira iam surgindo às margens da estrada. Enquanto a caminhada seguia, uma pequena entrevista foi realizada com uma jovem peregrina, de 24 anos, onde foi indagado o motivo de sua peregrinação.

Bom, eu não realizei uma promessa para a santa. Mas, estou nessa caminhada, pois gostaria de agradecer pelos acontecimentos em minha vida. Há três anos retornei da Espanha, pois tive problemas com a imigração. Nesses três anos de volta tive um filho, morei em Anápolis e agora estou em Santa Terezinha, cidade onde nasci, onde tenho um emprego. Apenas gostaria de agradecer por estar vivendo bem com minha mãe, meu filho e meu marido. Esta é a primeira vez que vou em Guarinos a pé. Mas, já fui na festa quando era criança, na maioria das vezes com meus pais. (ENTREVISTADO A)

Continuamos com a caminhada. À medida que o sol ia se levantando no céu o ar frio dava lugar ao calor da manhã. Já eram 9 horas e as pessoas iam despindo suas blusas de frio, pois o movimento da caminhada aumentava ainda mais o calor. Indagamos a um pequeno grupo de cavaleiros que nos alcançava se iam para a romaria em Guarinos, e todos disseram que sim. Perguntamos de onde eram e disseram que tinham saído de fazendas do município de Crixás. Mas adiantes outro grupo de cavaleiros passou por nós e diziam vir de fazendas de Campos Verdes.

Chegamos a um pequeno povoado que pertence ao município de Guarinos, chamado Mandinópolis. Seguimos com a caminhada e o único desconforto não era apenas o calor. Os pés

começaram a doer e a poeira dos carros que seguiam para a romaria era intensa. Seguiam para Guarinos caminhonetes cheias de pessoas na carroceria, ônibus e carros particulares.

Por volta de 14:00 horas, a última barreira, porém suavizada pelo homem, a ponte sobre o Rio Muquém que margeia a cidade de Guarinos, havia sido ultrapassada. Nas praias descobertas pela seca observava-se uma grande quantidade de pessoas a tomar banho, com bebidas, carros de som e pequenas fogueiras a fazer churrasco. Olhando rua acima que dava as boas vindas a quem chegava, percebia-se o quanto a cidade estava cheia.

Chegamos à praça central de Guarinos, sendo ao redor dessa praça que toda a festa ocorre – a procissão com a santa e as festas dos romeiros. Algumas entrevistas foram realizadas com os comerciantes a fim de descobrir se a romaria ajudava em suas vendas. A maioria dos pequenos mercados (vendas) já estavam fechados, mas ainda restavam pequenos restaurantes e bares. Segundo o dono de um pequeno bar próximo a praça central: “Nos dia de festa, muitas pessoa vem pra cidade, fica super cheio [...] pra mim, as vendas até aumentam um pouco, pois muitas pessoas vêm para beber e se divertir nos shows que a prefeitura faz. Eu té tenho barraquinha no local do show” (ENTREVISTADO B).

Depois se realizou uma conversa com um dono de uma pequena venda que ainda estava aberta. Segundo ele, a romaria em devoção a Nossa Senhora da Penha é um patrimônio da cidade de Guarinos, mas não traz grandes aumentos nas vendas de seu comércio porque muitas pessoas que se direcionam para a cidade vão para passar toda a semana de festa e já levam comida pronta e todos os ingredientes necessários, sendo o que mais se vende é a bebida e o cigarro.

Tivemos o interesse em saber como a cidade comportava tantas pessoas, se haviam hotéis. A cidade é totalmente desprovida de infraestrutura para abrigar tal multidão, possuindo apenas dois hotéis com poucos quartos. Os romeiros que se direcionam para cidade alugam casas de moradores para passarem os dias de festa. Em uma pequena casa próxima a praça central, foi possível encontrar “hospedadas” 48 oito pessoas de uma mesma família. A casa possuía apenas 5 divisões (dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro). No quintal estavam armadas 9 barracas, algumas de tamanho grande e outras médias. Foi perguntado a uma senhora de 38 anos que podemos perceber como é a hospedagem durante os dias de festa.

Bom, agente vêm quase todos os anos para festa de Guarinos e sempre ficamos nessa casa. Aqui agente reencontra parentes que moram em municípios

distantes. Nós somos da cidade de Alto Horizonte. Algumas pessoas dormem na sala, outras no quarto, em redes e muitos nas barracas. Nós fazemos nossa própria comida, vamos à missa, à festa e aproveitamos para comprar roupa na feira. (ENTREVISTADO C)

Nas outras casas próximas a situação era a mesma: muitas pessoas, às vezes até de famílias diferentes, hospedadas em uma mesma casa ou barraco. Esses romeiros faziam a própria comida, levavam os próprios ingredientes e dividiam entre as mulheres as responsabilidades de cozinhar. Muitas dessas famílias passavam a festa inteira hospedados nessas casas e vinham de várias cidades da região como: Pilar de Goiás, Santa Terezinha de Goiás, Crixás, Mara Rosa, Campos Verdes, Alto Horizonte, Nova Iguaçu de Goiás, São Luiz do Norte, Hidrolina, Itapaci, e outros municípios mais distantes como Uruaçu.

Nas estreitas ruas da cidade puderam-se perceber diversas comitivas de cavaleiros. Conseguimos identificar que as comitivas vinham de várias regiões do norte e noroeste de Goiás, e a maioria dos cavaleiros eram pequenos agricultores que vivem do trabalho rural familiar. Entre as comitivas conseguimos destacar representações dos municípios de: Guarinos, Santa Terezinha de Goiás, Uirapuru, Crixás, Campos Verdes, Pilar de Goiás e Nova Iguaçu de Goiás. Foi entrevistado um pequeno agricultor de 75 anos da cidade de Campos Verdes que estava próximo a Paróquia de Nossa Senhora da Penha. Ele nos conta qual é a representatividade da festa para ele:

Eu venho aqui desde quando era criança vinha com meus pais. Quando me casei continuei a vim pra Guarinos com minha esposa e com meus fios. [...] Agora que eles casaram aí nós nos reunimos para vir quase todos os anos. Aqui encontramos vários amigos que vemos sempre e os que quase não vemos. Agora vimos somente um dia antes da festa acaba para a missa do sábado e a romaria com a santa. (ENTREVISDADO D)

As palavras do pequeno agricultor nos mostra que a romaria em devoção a Nossa Senhora da Penha possui uma interação social que é determinante na manutenção da festa. Dessa forma, ir a festa não se restringe apenas na devoção à santa, mais também da vontade de encontrar-se naquele local de festa com os amigos, de fortalecer as famílias e passar de geração em geração a tradição de ir a Guarinos nos dias de romaria. A respeito disso, Silva (2012) nos afirma que:

A festa em homenagem a Nossa Senhora da Penha em Guarinos traz essa relação com a vida e o cotidiano dos romeiros, pois a preparação para a viagem está regada a muita organização e vontade de estar ali. Em um passado recente, as famílias iam para a festa em caravanas – que poderia ser a cavalo, no primeiro momento, depois de caminhões alugados, grupos de romeiros vinham a pé, tudo

no sentido de garantir um certo conforto e diminuição de despesas. (SILVA, 2012, p. 7)

Ao longo da Avenida Josélio Rodrigues Nascimento encontram-se inúmeras barracas de comida, de roupas e calçados. Ao indagar os comerciantes, percebemos que todos vinham de outras cidades do estado. A maioria provinha de Goiânia, vendedores da Feira Hippie, e iam todos os anos para a festa de Guarinos. Outros eram de cidades vizinhas como Santa Terezinha de Goiás e Itapaci. Em sua minoria eram de Guarinos, onde foi identificada apenas uma loja de roupas que estava aberta. As barracas de comida, como pastel, caldo, garapa e espetinho também eram em sua maioria de cidades vizinhas a Guarinos. Segundo esses comerciantes, para montar a barraca na rua era necessário pagar uma taxa a prefeitura, que se fixava entre 70 e 150 reais.

Além do intuito de se reunir com as famílias, amigos e da devoção a Nossa Senhora da Penha, muitos que vão à festa de Guarinos tem como objetivo a compra de roupas nessa feira que vende desde roupa e calçados, até produtos importados (brinquedos, óculos e outras bugingangas), cama, mesa e banho. Não foi possível identificar a quantidade de barracas instaladas, mas pode-se afirmar que chegam a calcular cento e cinquenta.

Por volta das 17:00 horas inicia-se a missa sertaneja, que dura cerca de uma hora e meia. Por conta da quantidade de pessoas, a missa é realizada fora do santuário, na praça da igreja (Praça Central). É um momento de devoção de todos os romeiros, até mesmo o comércio é interrompido e grande parte das pessoas se reúne para assistir a missa. Ao fim da celebração, inicia-se uma procissão com a imagem de Nossa Senhora da Penha pelas ruas de Guarinos, todos os fiéis a acompanham com cânticos religiosos, segurando velas e fazendo suas orações. A imagem da santa segue pelas ruas próximas ao santuário. A caminha dura cerca de 1 hora e ao fim a imagem retorna para o santuário e o padre realiza a benção final aos fiéis. No entanto, a festa continua nos bares e nos shows promovidos pela prefeitura.

A Romaria em Louvor a Nossa Senhora da Penha já ocorre a mais de 150 anos, de acordo com os relatos dos fiéis e dos moradores da região. Nos dias atuais a festa ocorre durante os últimos dias de junho e os primeiros dias de julho. Atrai mais de 30 mil pessoas durante seus dias de festejo (DIÁRIO DO NORTE, 2013). A tradição é passada de geração em geração, sendo possível encontrar romeiros que realizam a procissão a mais de 30 anos consecutivos.

Por meio da construção histórica da festa em devoção a Nossa Senhora da Penha, origina-se uma identidade religiosa compartilhada por aqueles que se dirigem a Guarinos durante

os dias de louvores. É uma festa socialmente reconhecida pela comunidade, há um sentimento de pertença religiosa relacionada ao tempo (dias de festa em devoção) e espaço (cidade de Guarinos). Nesse sentido, Gil Filho e Gil (2001) nos argumentam que:

[...] a vinculação institucional que pressupõe circulação do poder marca a identidade religiosa como capaz de ser o amálgama social da construção de diferentes territorialidades. As instituições dominantes, como a Igreja Católica do Brasil; permite-nos categorizar a identidade religiosa católica como a identidade legitimada (GIL FILHO; GIL, 2001, p. 49)

Dentre a multidão é possível ver a presença de muitas pessoas vestidas a caráter sertanejo, principalmente os homens, mulheres já de idade na maioria com roupas simples, jovens e adultos. Assim a festa é ponto de encontro, em sua maioria, dos pequenos agricultores que se reúnem para festejar em nome da santa e dar uma pausa na pesada rotina agrícola. A festa possui forte caráter sertanejo, sendo um ponto de difusão e manutenção da cultura sertaneja goiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa de Nossa Senhora da Penha em Guarinos constitui-se como uma tradição religiosa a mais de 150 anos, dessa forma não se pode negar sua importância e relevância para o estado de Goiás. É uma festa de peso na cultura sertaneja goiana e apesar de reunir romeiros de várias regiões de Goiás, não se pode deixar de descartar sua importância ao promover a relação dos municípios do norte e noroeste de Goiás. A festa é marcada pela experiência de milhares de romeiros que caminham quilômetros para se fazerem presentes, passando por provação de dores e sofrimentos que são compensados pelos momentos de devoção e presença em todos os momentos da romaria.

A festa ocorre nas ruas, em um ambiente festivo que se tornam visíveis a devoção do sagrado e a realidade do profano que em certos momentos não se sabe distinguir quais espaços estão definidos. O compromisso do romeiro ao ir para a romaria é de realizar orações em agradecimento pelas bênçãos providas pela santa ou realizar pedidos de cunho íntimo para si ou sua família. No entanto, a sociabilidade não é esquecida. O espaço da festa torna-se local de encontro de amigos e familiares que há muito não se encontravam.

São inúmeras as representações que existem a respeito de Nossa Senhora da Penha, que estão espalhados por todos os cantos da cidade. Representações que se encontram nas falas

dos romeiros, nos locais sagrados, no santuário e nas ruas. Dessa forma, as representações religiosas estão por toda a parte durante os dias de festa, seja nas estradas com os peregrinos e com as comitivas de cavaleiros que representam seus municípios, nas rodovias que dão acesso a Guarinos e durante todo o momento da festa.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. A formação do território goiano e a política indigenista no século XVIII. In: *Revista Mosaico*. Goiânia – Goiás, v. 5, n. 2, p. 191-205, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/2504>>. Acessado em junho de 2014.

Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Atlas do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2013.

Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Produto Interno Bruto dos Municípios 2011*. Rio de Janeiro, 2013.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rei D. Manuel*. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/crta.htm>>. Acessado em: maio de 2014.

D´BADIA, Maria Idelma Vieira. *Diversidade e Identidade Religiosa: Uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade-GO*. Jundiá: Paco Editorial, 2014.

ENTREVISTADO A. Entrevista I. [jul. 2013]. Entrevistadores: Hamilton Matos Cardoso Júnior; Priscilla Fabiane de Brito. Santa Terezinha de Goiás – Goiás, 2013. 1 arquivo .mp3 (10 min.).

ENTREVISTADO B. Entrevista II. [jul. 2013]. Entrevistadores: Hamilton Matos Cardoso Júnior; Priscilla Fabiane de Brito. Guarinos – Goiás, 2013. 1 arquivo .mp3 (8 min.).

ENTREVISTADO C. Entrevista III. [jul. 2013]. Entrevistadores: Hamilton Matos Cardoso Júnior; Priscilla Fabiane de Brito. Guarinos – Goiás, 2013. 1 arquivo .mp3 (12 min.).

ENTREVISTADO D. Entrevista IV. [jul. 2013]. Entrevistadores: Hamilton Matos Cardoso Júnior; Priscilla Fabiane de Brito. Guarinos – Goiás, 2013. 1 arquivo .mp3 (9 min.).

GIL FILHO, Sylvio Fausto; GIL, Ana Helena Corrêa de Freitas. Identidade religiosa e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Religião Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 39-56.

GOMES, Horieste; TEIXEIRA NETO, Antônio; BARBOSA, Altair Sales. *Geografia: Goiás-Tocantins*. 2º ed. – Goiânia: Editora da UFG, 2004.

JUVENAL JÚNIOR. Milhares de fiéis na romaria de Guarinos. *Diário do Norte*, Goiânia, 15 de Julho, 2013. Disponível em:

<<http://www.jornaldiariodonorte.com.br/detalhesimpresso.php?tipo=994&cod=10258>>.

Acessado em: maio de 2014.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Território e História no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 2002.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. *Do corpo místico de Cristo: irmandades e confrarias na Capitania de Goiás (1736-1808)*. 1º ed. v. 1. Jundiá (SP): Paco Editorial, 2014.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. Religiosidade e sociabilidade entre os confrades do patriarca São José. In: QUADROS, Eduardo Gusmão de (org). *Cristianismo no Brasil Central: história e historiografia*. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2008, p. 47-70.

PALACIN, Luís. *O século do ouro em Goiás*. 4º ed. – Goiânia: Ed. UCG, 1994.

SILVA, José Trindade da Fonseca. *Lugares e Pessoas: Subsídios eclesiásticos para a história de Goiás*. Vol. 1. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1949.

SILVA, Valtuir Moreira da. *Romaria de Guarinos: Diálogos e representações em homenagem a Nossa Senhora da Penha – 1970-2011*. In: Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Diversidade Cultural. Setembro de 2012.



Submissão: 29 de junho de 2015

Avaliações concluídas: 14 de julho de 2016

Aprovação: 02 de fevereiro de 2017

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

CARDOSO JUNIOR, Hamilton Matos; BRITO, Priscilla Fabiane. Identidade Religiosa Em Goiás: Um Relato De Experiência Da Festa Em Devoção A Nossa Senhora Da Penha, Guarinos/Go. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 17, N. 01, p. 344-358 de 415, jan./jun., 2017. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >